

Confinamento digital: sobre a opressão oculta nas interfaces digitais

Digital confinement: on the hidden oppression in digital interfaces

Mario Furtado Fontanive! 

RESUMO

Este ensaio pretende mostrar um caminho que vai da escravidão, à qual foram sujeitos muitos trabalhadores desde antes da Revolução Industrial, passando pela Revolução Industrial, quando a violência a que eram submetidos os escravizados foi transferida para uma forma alienada do trabalho, até chegar às tecnologias digitais atuais. Propõe que os dispositivos tecnológicos digitais incorporaram estruturas alienantes advindas das antigas formas de submissão do trabalhador. O texto inicia falando sobre como as sofisticadas tecnologias atuais são desenvolvidas para resolver demandas que não têm ligação com as reais necessidades de grande parte da população e finaliza discorrendo sobre como uma nova forma de atenção para com populações marginalizadas pode incitar práticas emancipadoras.

Palavras-chave: Tecnologia. *Big tech*. Escravidão. *Design social*.

ABSTRACT

This essay aims to show a path that starts with slavery, to which many workers were subjected before the Industrial Revolution, goes through the Industrial Revolution, showing how the violence to which enslaved people were subjected is transferred to an alienated form of work, and reaches current digital technologies. It proposes that digital technological devices have incorporated alienating structures arising from old forms of worker submission. The text begins by proposing that current sophisticated technologies are developed to solve demands that have no connection with the real needs of a large part of the population, and is concluded with the discussion about how a new form of attention towards marginalized populations can encourage emancipatory practices.

Keywords: Technology. *Big tech*. Slavery. *Social design*.

A SOCIEDADE DE CONTROLE

Em Porto Alegre, ao entrar em um território onde vivem pessoas de baixa renda, cumprimento um dos homens que controla o acesso de estranhos. Esse lugar tem somente um ponto de acesso — essa condição é uma vantagem para a defesa contra a invasão por algum grupo de outro lugar. A mão do homem que cumprimento na chegada é calosa, de gente que tem uma vida no trabalho pesado. Muito provavelmente ele é discriminado; por ser pobre e preto deve ser comumente tratado como um traficante ou assaltante, e a maioria das pessoas — eu inclusive — não tem ideia das dificuldades pelas quais ele passa. A comunidade da qual ele faz parte pertence a um conglomerado de muitas vilas no meio de Porto Alegre. Esse grupo de vilas tem uma população de quase 200 mil habitantes.

Em outra ocasião, ao visitar o mesmo local, converso com a Bia e a Paula; faz um inverno rigoroso e elas tentam desenvolver uma maneira de produzir cobertores para aquecer a população da comunidade. Acompanho a conversa das duas. Após algum tempo elas chegam à definição do material que vai preencher os cobertores: palha. Olho espantado para as duas e pergunto se elas não conseguem pensar em nada melhor, não tem galinheiros na Vila? O enchimento não pode ser de penas? As duas caem na gargalhada. O sentimento que tenho é de que o saber que o *design* me proporciona não dá conta das necessidades e dos problemas que decorrem das circunstâncias a que está submetida grande parte da população brasileira.

Lugares como a Vila Cruzeiro são considerados por muitos como ocupações irregulares e não estão integrados no que podemos nomear como uma cidadania. A maioria dos que vivem aí tem condições de trabalho precárias e, além disso, é precariamente atendida pelo estado, quando não é simplesmente negligenciada.

Outro recorte que podemos fazer com relação a esse lugar é que a maioria dos seus habitantes é preta. Então, a ocupação irregular e a precariedade têm ligação com uma condição histórica de discriminação da raça. Neste breve texto, tentarei mostrar que a servidão e seus muitos disfarces ainda subjazem ao progresso técnico do mundo contemporâneo. Para Marcuse (1973, p. 155):

A dinâmica incessante do progresso técnico se tornou permeada de conteúdo político e o *Logos* da técnica foi transformado em *Logos* da servidão contínua. A força libertadora da tecnologia — a instrumentalização das coisas — se torna o grilhão da libertação: a instrumentalização do homem.

É lícito pensar que a emancipação dos sujeitos se dá pela ação livre que materializa sua própria subjetividade por meio do trabalho. Um sujeito escravizado não tem acesso a essa possibilidade; um escravo seria aquele que não tem o controle das suas próprias ações.

Apesar da precarização e da não integração como cidadã, situação que constrange essa população periférica, essa mesma população é integrada a um outro regime — exógeno — de estruturação social, o que se dá por intermédio de aparelhos de comunicação portáteis e com alto desenvolvimento tecnológico. Aparelhos celulares integram esse grupo por meio de redes sociais que recolhem dados que podem monitorar informações de cada pessoa, tais como: os deslocamentos diários; a rede

de amigos; os tipos de relacionamento; a forma de consumo; e muitos outros aspectos comportamentais. Com a posse de tais dados, grandes empresas proprietárias de redes sociais podem induzir o comportamento de cada indivíduo mediante a influência subliminar da própria rede social que o circunda.

Já foi tornado público um experimento realizado pela plataforma Facebook, que manipulou o estado de espírito de uma comunidade de 700 mil pessoas. Viu-se que os usuários utilizaram palavras positivas ou negativas que variavam conforme mudava o conteúdo ao qual foram expostos na rede social. Tal experimento comprovou que “estados emocionais podem ser transferidos para os outros por meio do contágio emocional, levando as pessoas a experimentarem as mesmas emoções de modo inconsciente” (France Presse, 2014).

Deleuze (1992) falou sobre essa nova forma de controle. Ele estabeleceu uma distinção em relação à sociedade disciplinar definida por Foucault, sociedade na qual o olho onipresente do poder estabelecia a ordem. Na sociedade disciplinar ou do confinamento, o *panopticon* é o sistema arquitetônico no qual Foucault materializa o conceito. Tal prédio se constitui da arquitetura de uma prisão onde o centro irradia uma série de corredores, e isso possibilita observar todo o complexo de celas simultaneamente. Deleuze (1992, p. 219) resumiu: “Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente na fábrica: concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares”.

O *panopticon* foi concebido pelo filósofo e teórico social inglês Jeremy Bentham no século XVIII (Foucault, 1987). É interessante a correspondência feita entre fábrica e prisão. Com base nisso, é possível estabelecer uma relação originária ligada com a servidão do trabalhador.

Em 1990, antes da disseminação da internet, no texto denominado de “*Post-Scriptum* sobre a sociedade de controle”, Gilles Deleuze (1992) já observava que a sociedade do confinamento estava dando lugar a um outro tipo de dominação que ele denominava sociedade de controle. Ele escreveu:

Não há necessidade de ficção científica para se conceber um mecanismo de controle que dê, a cada instante, a posição de um elemento em espaço aberto, animal numa reserva, homem numa empresa (coleira eletrônica). [...] o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal (Deleuze, 1992, p. 226).

A forma de domínio da sociedade que opera atualmente tem base em conceitos e técnicas que estruturam as ações sem a necessidade de determinar um lugar fixo. Os desejos — se é que o que a tecnologia incute pode ser chamado de desejo — são monitorados e têm pouca ligação com os lugares em que estão localizados. Evgeny Morozov (2018, p. 41) entende que “criamos aplicativos para resolver problemas que os aplicativos conseguem resolver — em vez de enfrentar os problemas que de fato precisam ser resolvidos”.

A tecnologia é um projeto histórico-social e traz embutidas estruturas arcaicas que se perpetuam e interferem insidiosamente em todas as esferas da cultura.

Marshall McLuhan (1974) já profetizava isto em 1964: “Todas as extensões tecnológicas de nós mesmos são subliminares, entorpecem; de outra forma, não suportaríamos a ação que tal extensão exerce sobre nós” (McLuhan, 1974, p. 339).

Atualmente, a maioria das informações sobre a cultura, a política e a economia é acessada por meio de plataformas de mídias sociais. O mundo da ultraestabilidade desses meios de interação almeja que nada perturbe o sistema. Ao mesmo tempo que facilita e torna mais confortáveis as ações, controla e determina as leituras, estas se tornam restritas a padrões determinados e regulados para cada um, em uma espécie de confinamento informacional.

TÉCNICA E SERVIDÃO

Uma maneira de definir a escravidão é a da desumanização dos sujeitos, em que as pessoas se tornam uma mercadoria que pode ser vendida ou descartada. Até o séc. XIV havia resquícios de escravidão entre os europeus. Na medida em que é desumanizado, todo escravo sofre muita violência. Thomas Piketty (2020) cita um relato do monge Guillaume de Jumièges. Este monge fala sobre uma revolta que houve na Normandia no século XI:

Sem esperar pelas ordens, o conde Raoul prendeu imediatamente todos os camponeses, mandou decepar suas mãos e pés e os devolveu, impotentes, aos seus familiares... Os camponeses, instruídos pela experiência e esquecendo-se de suas assembleias, voltaram depressa aos seus arados (Piketty, 2020, p. 76).

É de imaginar que a ilustração e o aprofundamento da reflexão iluminista deveriam inibir a violência e se contrapor a qualquer forma de escravidão. Um pouco antes da Revolução Industrial, John Locke declarou: “A escravidão é uma condição humana tão vil e deplorável, tão diretamente oposta ao temperamento generoso e à coragem de nossa Nação, que é difícil conceber que um *inglês*, muito menos um fidalgo, tomasse a sua defesa” (Locke, 1998 *apud* Buck-Morss, 2017, p. 44).

Contudo, Locke era acionista de Companhia Real Africana, “envolvida na política colonial americana na Província de Carolina, Locke certamente considerou a escravidão do negro uma instituição justificável” (Buck-Morss, 2017, p. 45). No livro denominado *Políticas da inimizade*, Achille Mbembe (2020) estabelece uma diferença entre a escravidão infligida pelos países dominantes no capitalismo ocidental e a escravidão autóctone na África anterior à colonização. Ele afirma que a mais-valia extraída dos escravizados nos países ocidentais era incomparavelmente maior do que nos países africanos.

No livro *Hegel e o Haiti*, Susan Buck-Morss (2017) mostra que os filósofos iluministas não se aprofundaram na questão da escravidão mesmo quando a escravatura se tornou central no desenvolvimento econômico da Europa. Ela escreveu:

Seria de se esperar, obviamente, que qualquer pensador racional e “esclarecido” pudesse percebê-la. Contudo, não foi o que aconteceu. A exploração de milhões de trabalhadores escravos coloniais era aceita com naturalidade pelos próprios pensadores que proclamavam a liberdade como o estado natural do homem e seu direito inalienável (Buck-Morss, 2017, p. 33).

Podemos perceber semelhanças de tratamento nas formas violentas de controle a que é submetida uma massa de trabalhadores mesmo quando o regime de trabalho não é denominado de escravidão. Virginia Woolf (2013), num texto de 1930 chamado “Memórias de uma união de trabalhadoras”, relatou:

Mrs. Burrow, por exemplo, tinha trabalhado nos pântanos de Lincolnshire aos oito anos de idade, com mais quarenta ou cinquenta crianças, e um velho acompanhava o grupo com um chicote comprido na mão, ‘que não esquecia de usar’[...] Tinham visto mulheres quase mortas de fome esperando nas filas para receber pelas caixas de fósforo enquanto sentiam cheiro de carne assando para o jantar do patrão que vinha lá de dentro (Woolf, 2013, p. 83).

A situação descrita por Virginia Woolf (2013) passa-se entre o final do séc. XIX e o início do séc. XX. Por essa época, a condição de servidão descrita no texto começou a ser substituída pela cientifização ou racionalização do trabalho. O que muda com essa racionalização? Herbert Marcuse (1973, p. 45) considera que:

Ora, a mecanização cada vez mais completa do trabalho no capitalismo desenvolvido, conquanto mantendo a exploração, modifica a atitude e a condição do explorado. No seio do conjunto tecnológico, o trabalho mecanizado no qual reações automáticas e semiautomáticas preenchem a maior parte (se não o todo) do tempo de trabalho continua sendo, como uma ocupação para toda a vida, uma escravidão exaustiva, entorpecedora, desumana — ainda mais exaustiva por causa do aumento na velocidade do trabalho, controle dos operadores de máquinas (em vez do produto) e isolamento dos trabalhadores uns dos outros [...] “a tecnologia substituiu a fadiga muscular pela tensão e(ou) esforço mental”.

Para entender como era a condição do trabalhador na França, Simone Weil (1996) trabalhou um ano — entre 1934 e 1935 — numa fábrica da Renault. No livro *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*, ela escreve sobre uma condição que considera muito similar à da servidão:

No final das contas, este sistema contém o essencial daquilo que hoje se chama de racionalização. Os contramestres egípcios tinham chicotes para levarem os operários a produzirem; Taylor substituiu o chicote pelos escritórios e pelos laboratórios, com a cobertura da ciência. [...] a racionalização de Ford consiste, não em trabalhar melhor, mas em fazer trabalhar mais. Em suma, o patronato descobriu que há uma maneira melhor de explorar a força operária do que prolongando a jornada de trabalho (Weil, 1996, p. 145).

No livro *Trabalho em Migalhas*, George Friedmann (1972) escreveu sobre o que almejava Taylor: “O que peço a ele, observava Taylor, ‘não é que produza mais por sua própria iniciativa, mas que execute as ordens dadas (os grifos são de Taylor) nos mínimos detalhes” (Friedmann, 1972, p. 134). Para Taylor, o trabalhador deveria se comportar como uma peça da engrenagem.

Já no início da industrialização, uma das principais mudanças é a da relação do trabalhador com a máquina. Antes, o artesão tinha liberdade para adequar o modo de uso dos instrumentos de acordo com o que encontrava no objeto para a produção. Então, poderia haver um controle na forma como Foucault (1987) se

referia à Sociedade Disciplinar, mas este era um controle externo. Com a Revolução Industrial, quem trabalhava se tornou um anexo da máquina, mesmo quando nem havia máquina, como no caso do abate de reses em Chicago — no séc. XIX — em que eram utilizados apenas facões e outros instrumentos simples. A extrema divisão do trabalho determinou uma série de gestos precisos que cada trabalhador deveria executar; os gestos eram introjetados pelo trabalhador. Com a Revolução Industrial, quem trabalhava teve muito diminuída a ingerência sobre suas ações. É plausível pensar nisso como uma servidão controlada cientificamente. No livro chamado *La mecanización toma el mando*, Siegfried Giedion (1978), falando sobre o trabalho após a Revolução Industrial, considera que:

Nunca a humanidade possuiu tantos instrumentos para abolir a escravidão, mas as promessas de uma vida melhor não foram cumpridas. O que podemos mostrar até hoje é uma incapacidade muito perturbadora de organizar o mundo, e até mesmo de nos organizarmos. As gerações futuras poderão chamar este período de uma era de barbárie mecanizada, que é a mais repulsiva de todas as barbáries¹ (Giedion, 1978, p. 714).

Uma técnica que pode exemplificar bem a noção do progressivo controle é a do desenho e a história da mudança de sua representação desde a Idade Média. A evolução da precisão nos desenhos técnicos ocorreu de maneira gradual. Inicialmente, esses desenhos apenas expressavam as intenções fundamentais do autor, proporcionando aos leitores ampla margem para interpretação e participação ativa na autoria. No Renascimento, Brunelleschi introduz uma inovação ao antecipar suas obras por meio da visualização na perspectiva, ampliando, assim, a capacidade de controle sobre o processo.

Ao longo do século XVIII, observa-se a gradativa adoção de escalas nos desenhos técnicos e, no século XIX, as representações se padronizam, possibilitando uma interpretação uniforme por todos os que possuem conhecimento dos códigos standardizados. A partir desse ponto, a inserção de subjetividade na interpretação do desenho torna-se praticamente impossível. Os desenhos passam a ser registros de ordens rigorosas, transformando-se em diretrizes a serem estritamente seguidas.

É importante ressaltar que o propósito de utilizar desenhos técnicos não se vincula necessariamente à qualidade do produto, uma vez que as condutas das corporações eram rigorosas e detalhadas. O que impacta a trajetória do desenho é a desigual divisão do trabalho que separa quem cria de quem produz. Esse desenvolvimento conduz a uma exatidão nos desenhos que não tolera modos inesperados de interpretação. As incertezas são eliminadas e a presença do acaso, característica marcante na arquitetura medieval, desaparece.

A esta altura é interessante abordar a dimensão utópica que este texto está tomando. Soa irreal criticar técnicas e estruturas de ação tão estabelecidas, como o

¹ No original: "Nunca ha poseído la humanidad tantos instrumentos para abolir la esclavitud, pero las promesas de una vida mejor no han sido mantenidas. Cuanto podemos mostrar hasta hoy es una incapacidad muy inquietante en cuanto organizar el mundo, e incluso como organizar a nosotros mismos. Es posible que las generaciones futuras designen a este período como una época de barbarie mecanizada, que es la más repulsiva de todas las barbaries."

desenho técnico, por exemplo. O que critico está baseado em práticas muito consolidadas e isto leva a considerá-las realistas. O argumento que posso apresentar em defesa do que estou propondo é que o pensamento que trabalha somente pautado pelo que é imediato e normatizado será sempre positivo, não será capaz de lidar com contradições. Entretanto, agindo assim, ele se fecha e não se deixa perturbar, deixa de ser prático. Aqui podemos recorrer a Marcuse (1973, p. 173):

Mas essa aceitação radical do empírico viola o empírico, porque nele fala o indivíduo mutilado, "abstrato", que só experimenta (e expressa) aquilo que lhe é *dado* (dado em sentido literal), que dispõe apenas dos fatos e não dos fatores, cujo comportamento é unidimensional e manipulado. Em virtude da repressão real, o mundo experimentado é o resultado de uma experiência restrita, e a limpeza positivista da mente põe esta em consonância com a experiência restrita.

Tornamo-nos sujeitos pelo reconhecimento de um outro. Todavia, se escravizarmos o outro, se o rebaixamos à condição de coisa, perdemos igualmente a condição de sujeito em função do apagamento do olhar e do reconhecimento do outro.

Esta estrutura que se fecha sobre si mesma e não é afetada pelo que lhe é externo reduz tudo à sua própria unidimensionalidade e aliena-se do real. A violência é subsumida pela estrutura técnica. Segundo Theodor Adorno e Horkheimer (1985, p. 36-37):

Quanto mais o processo de autoconservação é assegurado pela divisão burguesa do trabalho, tanto mais ele força a autoalienação dos indivíduos, que têm que se formar no corpo e na alma segundo a aparelhagem técnica. [...] O processo técnico, no qual o sujeito se coisificou após a eliminação da consciência, está livre da plurivocidade do pensamento mítico bem como de toda significação em geral, porque a própria razão se tornou um mero adminículo da aparelhagem econômica que a tudo engloba.

O MUNDO OPACO

No livro chamado *Trabalho e poder de agir*, o psicólogo Yves Clot (2010) cita Espinoza, para quem: "O esforço para desenvolver o poder de agir é inseparável de um esforço para elevar, ao grau mais elevado, o poder de ser afetado" (Clot, 2010, p. 31). Clot também considera que um trabalho saudável é aquele no qual o sujeito pode ter "experiências de contradição" e, no encontro com estas, ter liberdade para agir. Quando encontra algo inesperado, o sujeito precisa dissolver a estrutura habitual das ações e rearranjá-las de uma forma nova, talvez mais complexa.

Yves Clot (2010) fala do caráter "modular" e "hierárquico" da habilidade. Segundo ele, as habilidades são elaboradas por incorporação de unidades de ação previamente adquiridas em uma unidade mais ampla que, por sua vez, torna-se também, ulteriormente, uma parte de outra unidade superior. Uma perspectiva mais ampla, com um objetivo mais abrangente, assume o controle dos atos que formam o novo módulo. Com uma perspectiva mais ampla é plausível pensar que aumenta o poder de irradiação possível da atividade.

Alguns hábitos apresentam a possibilidade de expressão de uma subjetividade. Para Darcy Ribeiro (2012, p. 10), um ameríndio que produzia um cesto numa aldeia era, ao mesmo tempo, produtor e consumidor. Assim, punha muito esmero

na feitura do objeto com o intuito de ser reconhecido pela comunidade onde estava inserido. Em um prefácio para um livro de Gui Bonsiepe (2012), ele escreveu: “Aquele cesteira põe tanto empenho no fazimento do seu cesto porque sabe que se retrata inteiramente nele” (Ribeiro, 2012, p. 10).

É bom lembrar que consideramos uma característica da escravidão o fato de que o sujeito não tem controle sobre as próprias ações. Quem está na condição de escravizado não consegue ter o reconhecimento da subjetividade por meio do trabalho. Como se daria o reconhecimento social na sociedade de controle atual?

Segundo Donald Norman (2010), o que se espera de um bom *design* é que: “os sinais naturais informem sem perturbar, proporcionando uma conscientização contínua natural, não intrusiva, não irritante, do que acontece à nossa volta” (Norman, 2010, p. 56). Norman (2010) espera que não tenhamos que pensar no trato com os aparelhos. Espera que as mudanças que as novas tecnologias trazem sejam assimiladas e se tornem um hábito sem que haja nenhuma perturbação, sem as contradições sobre as quais Yves Clot (2010) fala.

Na maioria das vezes, a influência da técnica altera nossa consciência de forma subliminar, sem nos darmos conta. Temos poucas defesas contra as alterações que a técnica impõe à nossa percepção. O neurocientista Eric Kandel (2009, p. 152) afirma que:

Embora as experiências modifiquem nossas habilidades perceptuais e motoras, elas são virtualmente inacessíveis à recordação consciente. Por exemplo, uma vez que a pessoa aprenda a andar de bicicleta, ela simplesmente o faz... Na verdade, a repetição constante pode transformar a memória explícita em memória implícita. Aprender a andar de bicicleta, de início, envolve nossa atenção consciente em relação ao nosso corpo e à bicicleta, mas acaba por tornar-se uma atividade motora e inconsciente. [...] As lembranças inconscientes são em geral inacessíveis à consciência, mas, ainda assim, exercem efeitos poderosos no comportamento.

Apoiados na proposição de Norman (2010) e na observação de Kandel (2009), podemos deduzir que os aparelhos técnicos podem interferir em nosso comportamento sem que tenhamos a possibilidade de refletir sobre a própria mudança. Uma mudança técnica é uma mudança externa que é incorporada e se torna uma mudança interna. Após certo tempo de convívio com uma técnica nova, alteramos a forma como reagimos a certos eventos. Por exemplo: o meio de locomoção que uma pessoa tem habitualmente à disposição torna-se uma espécie de capacidade que define uma forma de reagir a determinadas situações. Na medida em que eu me torno o possuidor de um carro, a possibilidade de circulação que se abre com essa condição é incorporada à minha forma de pensar. Eu passo a estruturar as minhas ações e o meu pensamento de acordo com as possibilidades que o carro oferece. Entretanto, dessa condição de introjeção da ordem técnica, também é possível deduzir que o pensamento se restrinja a mecanismos limitados ao que o hábito ligado a tais aparelhos possibilita.

António Damásio (2018) argumenta que a subjetividade se manifesta de maneira mais pronunciada quando interagimos com um meio plástico, capaz de permitir abordagens diversas na interpretação de eventos. Ele explora a influência do tempo de trabalho do meio, destacando essa dinâmica ao comparar cinema e literatura. Damásio (2018) sugere que, na interação com a literatura, nossa subjetividade

se amplifica, pois temos a capacidade de impor ritmo à aquisição e à tradução mental dos acontecimentos. Em suas palavras, “podemos dar o ritmo que quisermos à aquisição e à tradução mental” (Damásio, 2018, p. 172). Ele conclui enfaticamente: “Se deseja verdadeira liberdade, escolha a literatura” (Damásio, 2018, p. 172). Esse posicionamento de Damásio (2018) aparenta referir-se à construção da consciência e à liberdade necessárias para estabelecer uma interação enriquecedora com o que poderíamos denominar de mundo externo.

No livro *Filosofia das formas simbólicas: a linguagem*, Ernst Cassirer (2001) expõe a intrínseca conexão entre gestos, mãos, palavras e intelecto. Para Cassirer (2001), o papel fundamental do movimento e da ação na estrutura da consciência é evidente, salientando que “toda a realidade psíquica consiste em processos e transformações, enquanto a fixação em estados de consciência representa um subsequente trabalho de abstração e análise” (Cassirer, 2001, p. 176). O conhecimento, portanto, demanda ancoragem e estruturação por meio dos códigos dos signos, mas tais códigos também devem possuir a flexibilidade para ser influenciados pelo não codificado. As memórias de ações têm o potencial de se tornar elementos na combinação de ideias, contribuindo para a instituição e expansão dos conceitos. Assim como ocorre na formação da subjetividade, a construção do significado, do objeto da linguagem, dá-se na dinâmica, nas relações de troca com o real. Para Jean Piaget e Inhelder (1975, p. 15):

...não basta tais esquemas operantes corresponderem a ligações antecipadamente inscritas na linguagem ambiente para garantir a assimilação imediata das últimas; a sua compreensão e o seu emprego supõem, pelo contrário, uma estruturação e até uma série de reestruturações decorrentes dos mecanismos lógicos que não se transmitem sem mais nem menos, mas, de fato, apoiam-se necessariamente nas atividades do sujeito.

Entretanto, na fábrica, qualquer manifestação não previamente estabelecida, ou seja, aquelas que podem causar perturbações, é segregada dos processos. Quem está envolvido no trabalho tem poucas oportunidades de vivenciar uma experiência na forma como a produção está estruturada.

O tear de Vaucanson² exigia apenas que alguém girasse uma manivela. A própria pessoa que o fabricava se tornava um apêndice da produção, comportando-se como um mecanismo. Segundo Vaucanson (Doyon; Liaigre, 1966 *apud* Jacomy, 2004, p. 48), o tear “é uma máquina com a qual um cavalo, um boi, um asno produzem tecidos muito mais belos e perfeitos do que os artesãos mais habilidosos da seda”.

É lícito afirmar que a busca embutida na organização do trabalho desde a Revolução Industrial foi a da erradicação de experiências de contradição, foi o controle das ações. Uma das técnicas que está mudando significativamente a sociedade atual é a da acumulação de dados comportamentais. Grandes empresas tais como Google ou Meta têm acesso a muitos dados por meio dos *smartphones*. A ideia é que, com a análise comportamental baseada na acumulação massiva de dados, seja possível ter mais certeza nas decisões que são tomadas com relação a determinada sociedade e a determinados comportamentos.

² Jacques Vaucanson: mecânico francês, criou em 1745 o primeiro tear totalmente automático.

Vários tipos de aplicativos estão sendo criados de modo a definir o que seria o ótimo para determinados comportamentos. Existe, por exemplo, o BillGuard, que avisa quando ultrapassamos um limite de gasto razoável. Evgeny Morozov (2018) fala também sobre outro aplicativo, o Glow:

Max Levchin, um dos fundadores da *PayPal*, espera recorrer à aprendizagem automática e à mineração de dados para solucionar problemas da saúde. 'A área da saúde é um grande problema informacional que vai se beneficiar da análise de dados e dos sensores portáteis', disse ele ao anunciar o *Glow*, um aplicativo para ajudar mulheres a engravidar. O *Glow* rastreia a atividade sexual da mulher (incluindo posições) e os ciclos menstruais e envia vários alertas ("Início do período fértil!" ou "Uau! Você está ovulando!") (Morozov, 2018, p. 110).

Morozov (2018) está descrevendo uma condição de abdicação da necessidade de reflexão. Para ele, o caminho da ação já está subsumido na estrutura operatória das interfaces digitais.

Hannah Arendt (2008) já presumia essa condição. Num artigo de 1954, ela aborda o empobrecimento de nossa capacidade de compreensão, referindo-se à "perda da busca de significado e da necessidade de compreensão" (Arendt, 2008, p. 340). Ela observa: "O grau em que os clichês permearam nossa linguagem e discussões diárias revela o quanto nos privamos da faculdade discursiva" (Arendt, 2008, p. 331). O termo "clichê", originado das técnicas de impressão como uma matriz para imprimir imagens e textos, passou a representar aquilo que é repetido até tornar-se previsível e compulsório. Parece que a industrialização transbordou, invadindo e padronizando nossos diálogos, comprometendo a autenticidade da comunicação e a profundidade da compreensão.

Dizer que os clichês permearam a linguagem não é uma afirmação retórica, a gestualidade do manuscrito foi substituída inicialmente pelos clichês da máquina de escrever. Perdeu-se assim a ligação com uma corporalidade, a gestualidade de cada sujeito que escrevia foi apagada. Mesmo a assinatura, que representava uma incorporação da linguagem, única em cada pessoa, está sendo substituída pelas senhas ou por leituras biométricas.

Em 1964, Herbert Marcuse (1973) publicou o livro *A ideologia da sociedade industrial*. Em um de seus capítulos, intitulado "O Fechamento do Universo da Locução", ele destaca a influência da racionalidade da sociedade industrial sobre a linguagem. Ao abordar a funcionalização da linguagem, Marcuse (1973) argumenta que, nessa forma administrada, os conceitos tornam-se sinônimos de um conjunto específico de operações, limitando-se a induzir a comportamentos previsíveis e padronizados, evidenciando um raciocínio tecnológico que propende a categorizar objetos e suas funções.

Para Marcuse (1973), esse tipo de raciocínio não apenas indica a funcionalidade das coisas, mas também as define, restringindo seu significado e excluindo outras possibilidades de funcionamento. Assim, o conceito ritualizado resultaria na imunidade contra contradições. Ele ressalta que a linguagem funcional é radicalmente anti-histórica, pois a rememoração do passado pode desencadear introspecções perigosas, algo que a sociedade estabelecida aparenta temer, dados os conteúdos subversivos da memória.

Essa redução dos conceitos a conjuntos restritos de operações leva ao empobrecimento da linguagem e abre caminho para o pensamento maquinal. A Inteligência Artificial também se fundamenta em uma apreensão massiva de dados. Para desenvolver os textos, a IA baseia-se na observação das relações entre palavras amparada por uma quantidade imensa de textos. O modelo é exposto a grandes quantidades de dados textuais e aprende a prever o próximo vocábulo em uma sequência de palavras. Isso ajuda o sistema a simular uma compreensão sobre a estrutura e as relações entre palavras em diferentes contextos.

Hannah Arendt (2008) escreveu sobre o empobrecimento da linguagem ligada à racionalidade da produção:

Aqui a verdade se torna aquilo que alguns lógicos dizem ser, ou seja, simples coerência, com a ressalva de que essa identificação implica, na realidade, a negação da existência da verdade, na medida em que sempre se supõe que a verdade revela alguma coisa, ao passo que a coerência é apenas um modo de encadear as asserções e, como tal, não tem força de revelação (Arendt, 2008, p. 340).

Mesmo na produção da IA a exploração do trabalho está presente. Uma reportagem do jornal inglês *The Guardian* afirma que em Nairobi, no Quênia, são empregadas pessoas para ler textos com prováveis conteúdos violentos (Rowe, 2023). Elas alimentam uma espécie de consciência ética da IA. Essas pessoas relatam que precisam ler cerca de 700 textos por dia, são mal pagas e vivem na expectativa de ser demitidas a qualquer hora. Muitas estão sofrendo de problemas psicológicos derivados da exposição contínua a conteúdos violentos.

É viável derivar daí que a estrutura de servidão materializada nas máquinas da Revolução Industrial foi subsumida nas tecnologias ligadas à sociedade de controle definida por Deleuze (1992). Um pensamento positivista alimentado por quantidades massivas de dados induz a comportamentos estandardizados e determinados como ideais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No livro chamado de *O Inominável*, Samuel Beckett (1989) escreve sobre uma consciência que apenas se relaciona com ela mesma e se autodevora. Ele descreve como a autorreferência, a individualidade e a falta do outro, é empobrecedora. As palavras nascem da ação, e agir demanda a análise de encontros que abarcam diversas qualidades, complexidades e distinções entre diferentes afecções. Mesmo as ações consideradas conscientes são permeadas por reações não explicitadas, entrelaçando-se com uma linguagem interior, reações somáticas, ruídos e até mesmo traumas. As palavras são como receptáculos que envolvem as ações e as atenções. A passagem para as linguagens dá-se como consequência desse envolvimento em um mundo de respostas simultaneamente habituais e potencialmente ricas por estarem envolvidas em diversas formas de ação. As percepções estruturam-se com base em aprendizados, em histórias. Essas histórias estão integradas aos meios onde cada um vive. A geografia, a cultura, o tempo e o acaso interferem no desenvolvimento das leituras que fazemos do mundo.

Atualmente, as inteligências artificiais estão apresentando traduções de tal modo que duas pessoas que falam línguas diferentes possam conversar em tempo

real. A produção massiva de dados leva-nos a uma espécie de metalinguagem que paira absoluta sobre todas as outras linguagens, apagando as diferenças, as conotações e as histórias. Heidegger (2003) fala sobre isso no livro *A Caminho da Linguagem*:

Atualmente, o alvo cada vez mais mirado pela investigação científica e filosófica das línguas é a produção do que se chama de 'metalinguagem'. Tomando como ponto de partida a produção dessa supra linguagem, a filosofia científica compreende-se conseqüentemente como metalinguística. Isso soa como metafísica. Na verdade, não apenas soa como é metafísica. Metalinguística é a metafísica da contínua tecnicização de todas as línguas, com vistas a torná-las um mero instrumento de informação capaz de funcionar interplanetariamente, ou seja, globalmente (Heidegger, 2003, p. 122).

Heidegger (2003) diz que tomamos consciência da linguagem "lá onde não encontramos a palavra certa para dizer o que nos concerne, o que nos provoca, oprime ou entusiasma" (Heidegger, 2003, p. 123). É possível dizer que os meios técnicos dominam tanto as nossas ações e o modo como nos comunicamos que não deixam mais margem para termos essa experiência de falta da palavra. Para as atuais tecnologias da informação, sempre haverá uma palavra exata para cada situação.

Como sair dessa "jaula de ferro"?

Para Achille Mbembe (2020, p. 211), "precisaremos de uma linguagem que incessantemente penetre, perfure e escave como uma broca, capaz de se fazer projétil, uma espécie de sólido absoluto, de uma vontade que perscruta sem cessar o real".

Em uma conversa no *podcast* Sentipensante (2021), a professora da Universidade da Carolina do Norte, Lesley-Ann Noel, disse que visitou uma série de lugares que não são normalmente atendidos por *designers*. Lugares comparáveis à Vila Cruzeiro, citado no início do artigo como um lugar periférico ao sistema de reconhecimento da cidadania. Durante essas visitas, ela chegou à conclusão de que não existe um método que dê conta, *a priori*, de como deve ser uma aproximação do *designer* com qualquer comunidade. A noção de um sujeito neutro, capaz de um distanciamento absoluto em relação ao objeto, é ideológica. Para sair disso, nos diálogos é necessária a "comunicação do diferenciado". Para Theodor Adorno (2009, p. 126-127):

A dialética não é nenhum método: pois a coisa reconciliada, à qual falta exatamente essa identidade que é substituída pelo pensamento, é plena de contradições e se opõe a toda tentativa de interpretá-la de maneira unívoca. É a coisa, e não o impulso à organização próprio ao pensamento, que provoca a dialética.

Um exemplo do que estou falando é o da arquiteta alemã Anna Heringer (2021), que trabalha com comunidades pobres e tem como filosofia usar os recursos existentes nos lugares onde vai executar a obra. Ela utiliza muito o barro — um material abundante que não agride o meio ambiente. Ela pondera que, se o prédio for desmanchado, será possível plantar com as sobras. Além disso, busca usar mão de obra local para fazer com que os recursos permaneçam na própria comunidade.

A partir desse exemplo, podemos voltar ao início do texto e constatar que trabalhar com palha, perceber os modos com que o material pode ser elaborado, olhar para o que temos à mão pode ser uma maneira muito rica de promover a integração

entre o *design* e as comunidades normalmente não assistidas por disciplinas muito presas a soluções prontas.

Se o campo do *Design* deseja manter uma relação com o novo ele necessariamente vai ter que tratar com diferenças entre os diversos campos de saber com os quais dialoga. Só alcança o novo o que percebe as contradições que os diversos campos do pensamento impõem ao objeto. Para isso é necessária uma posição externa a essas disciplinas constituídas. Aquela ordem que o sujeito impôs ao objeto é algo externo a ele. Para reparar essa violência, por mais contraditório que possa parecer, a crítica também deve ser feita de fora, num lugar externo aos diversos saberes, onde podemos perceber o particular, o único, aquilo que não é redutível a uma regra. Para Simone Weil (1996, p. 113):

...o que conta em uma vida humana não são os acontecimentos que nela dominam o curso dos anos — ou mesmo o dos meses — ou mesmo o dos dias. É a maneira pela qual se encadeia um minuto ao seguinte, e o que custa a cada um, em seu corpo, em seu coração, em sua alma — e, acima de tudo, no exercício de sua faculdade de atenção — para efetuar minuto a minuto esse encadeamento.

Weil (1996) fala sobre modos de ação que não sejam totalmente determinados — afirma até que: “uma mesma máquina deve ter usos múltiplos, muito variados, se possível, e até, numa certa medida, indeterminados” (Weil, 1996, p. 424). Essa indeterminação, a falta da ultraestabilidade, pode ampliar a nossa capacidade de atenção. Penso que pelo fato de o *design* ser um campo de encontro de vários saberes que estão ali para a criação de um objeto novo, nele o limite de cada disciplina pode ser explicitado. Quando me refiro ao novo, não é à novidade que procedimentos de mercado impõem cotidianamente. Novo pressupõe diferença, algo que não está determinado por processos que visam à pura repetição de fenômenos controlados. Esse é um campo em que o *design* precisa trabalhar. Em que a perspectiva de cada ciência se mostra parcial e em que devemos estabelecer metodologias efêmeras num lugar de conflito que sempre escapa à definição.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor W. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- ANNA HERINGER: Architecture is a Tool to Improve Lives. Fundación Culturas Constructivas Tradicionales. **YouTube**, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/l7JKKFdyZtM?si=D9SJBlyy0lqK3lrd>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- ARENDT, Hannah. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo (ensaios) 1930-54. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BECKETT, Samuel. **O Inominável**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- BUCK-MORSS, Susan. **Hegel e o Haiti**. São Paulo: n-1, 2017.
- CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas**: a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Tradução de João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

- DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Post-Scriptum sobre as sociedades de controle, conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: 34, 1992.
- GIEDION, Siegfried. **La mecanización toma el mando**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRANCE PRESSE. Em experimento secreto, Facebook manipula emoções dos usuários. **G1**, 29 jun. 2014. Disponível em: <https://glo.bo/1qoiwkJ>. Acesso em: 29 dez. 2023.
- FRIEDMANN, Georges. **Trabalho em migalhas**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- JACOMY, Bruno. **A era do controle remoto: crônicas da inovação técnica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- KANDEL, Eric R. **Em busca da memória: o nascimento de uma nova ciência da mente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: O homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. São Paulo: N-1, 2020.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu, 2018.
- NORMAN, Donald A. **O design do futuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. **Gênese das estruturas lógico elementares**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- PIKETTY, Thomas. **Capital e ideologia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- RIBEIRO, Darcy. Apresentação. In: BONSIPE, Gui. **Design como prática de projeto**. São Paulo: Blucher, 2012. p. 10-13.
- ROWE, N. 'It's destroyed me completely': Kenyan moderators decry toll of training of AI models. **The Guardian**, 2 ago. 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2023/aug/02/ai-chatbot-training-human-toll-content-moderator-meta-openai>. Acesso em: 19 jan. 2024.
- SENTIPENSANTE: Repensando Design Thinking com Lesly-Ann Noel. Entrevistadora: Cristina Ibarra. Recife: Departamento de Design da UPE, 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0P30nUAYmBDHXvwwic3RpWW?si=254f8e5456ec4745>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

Sobre o autor

Mário Furtado Fontanive: doutor em Teoria, História e Crítica da Arte pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Conflito de interesses: nada a declarar – **Fonte de financiamento:** nenhuma.

